

APRESENTAÇÃO: CIVILIZAÇÃO NEGRA DA DIÁSPORA

Viviane Araújo Alves da Costa Pereira¹

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0000-0002-1784-941X>

viviane.pereira.fr@gmail.com

O imbricamento entre poética e política é quase uma condição da literatura produzida nas Antilhas e, além, em países colonizados que têm o tráfico negreiro em sua formação. Indissociável a política, maiúscula ou minúscula, do pensamento intelectual e do fazer poético de seu povo. Não parece coincidência que Aimé Césaire tenha se tornado prefeito de Fort de France e deputado federal. Léopold Sédar Senghor, presidente do Senegal. Léon Gontran Damas, deputado na Guiana. Que Frantz Fanon tenha se alistado e se tornado membro do Front pour la Libération Nationale da Argélia. As obras dos intelectuais da Negritude são gestadas na relação com a política, em seu sentido estrito, de participação na esfera pública e de representação de anseios de um grupo.

Não é menos político o que esses escritores fazem na literatura. Pensar as identidades e culturas dos povos transplantados a partir das raízes africanas e, por aí mesmo, afirmar o orgulho negro, a não subserviência, contar o passado, visitar a história, propor uma narrativa nova capaz de preencher a lacuna de uma voz historicamente calada, às vezes afogada no fundo do Atlântico. Nos poemas, nos ensaios, nos romances, é a representação poética, a criação e suspensão de imagens, o desenrolar de histórias acionadas a partir de outros pontos de vista que vemos surgir, fazendo face ao ponto de vista do outro (estrangeiro, europeu, colonizador, curioso, viajante). A história apagada daqueles que, durante muito tempo, mal faziam parte da condição humana, que tinham “menor capacidade intelectual” e que podiam, por isso, ser escravizados. Nas palavras de Rancière, daqueles que não partilhavam do sensível porque não pertenciam à mesma classe (ou à mesma cor) dos senhores.

Os anos 1990 marcam uma virada na literatura caribenha: a publicação do *Éloge de la créolité* em 1989 por Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant e Jean Bernabé desenha o novo movimento de afirmação de uma identidade e, por consequência, de uma literatura crioula, coroado em 1992 com o Prêmio Goncourt conferido ao romance *Texaco*, de Patrick Chamoiseau. Também é o momento da publicação de alguns dos principais textos do intelectual Edouard Glissant, notadamente *la Poétique de la Relation* (1990). Essas poéticas-políticas (a Negritude, a Crioulidade, a Antilhanidade) serão analisadas por escritoras caribenhas a fim de desvelar, por meio de um panorama dos movimentos identitários ao longo do século XX, a rigidez das regras que, por vezes, limitam o poder da imaginação e da criatividade. Nesse sentido, aulas, conferências e artigos de Maryse Condé interessam pelo que apresentam em termos de ruptura em relação a uma certa ideia de autenticidade e de pertencimento da obra literária a seu meio de origem. Herdeira do processo

¹ Professora de Literatura Francesa e Francófona na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutorado em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (USP).

escravagista, mas também da conquista da liberdade, a autora reivindica que a criação artística possa se libertar dos limites impostos especialmente ao longo do século XX.

Maryse Condé representa aqui a presença cada vez mais sensível de escritoras caribenhas na crítica literária. Convidada a comentar seus romances, ela não se restringe, no entanto, à própria exegese, mas reflete sobre o conjunto dos escritos de mulheres em seu contexto. São artigos, mas também entrevistas, ensaios, aulas de literatura, prefácios para antologias: a produção do que temos chamado de uma “impostura crítica” de escritoras do Caribe francófono figura em vários volumes de periódicos, em livros e também em registros audiovisuais. Entre outros nomes, contemporâneos ou não, podemos citar Yanick Lahens, Suzanne Césaire, Gisèle Pineau, Paulette Nardal, Dominique Deblaine, Simone Schwarz-Bart, Sylvaine Telchid, Edwidge Danticat, Kettly Mars, Emmelie Prophète, Fabienne Kanor, apenas uma parte das escritoras que participam dessa renovação não apenas da literatura caribenha, mas também de sua crítica literária.

Maryse Condé tem vários de seus livros publicados em português, além de teses e dissertações dedicadas a seus textos de ficção. Uma bela redescoberta dessa escritora de Guadalupe que, apesar da idade avançada e dos problemas de saúde, seguiu publicando romances até muito recentemente. A autora faleceu em abril de 2024, mas sua obra, que transita entre tantos gêneros diferentes, continua aberta como convite à leitura e à aventura.

O texto aqui apresentado em tradução para o português é “Civilisation noire de la diaspora”, publicado na revista *Présence Africaine* em 1975². Maryse Condé é apresentada ao final como professora do Departamento interdisciplinar da Universidade Paris-Nanterre. É desse lugar que fala Condé na revista fundada por Alioune Diop em 1949, dedicada aos temas, aos escritores e aos pensadores da África e da Diáspora, que logo se tornaria também a principal editora ligada a tais temas. Esse artigo, publicado de forma independente na revista, constitui a introdução da tese *Stéréotype du noir dans la littérature antillaise Guadeloupe-Martinique*, defendida por Maryse Condé em 1976.

O ponto de partida do texto de Condé é a dependência que marca a história e a identidade das Antilhas. Passando pelas diferentes civilizações, do boçal, do crioulo e do *marron*, a autora questiona em que medida a produção literária das Antilhas expressa a identidade de seu povo ou, em outras palavras, o que seria autêntico em uma produção sempre enviesada pela exterioridade, pelo olhar tanto *de fora* quanto *para fora*: pelo olhar do colonizador branco para um povo que olha para a África em busca de seu reflexo no espelho.

A autora, quando questionada em entrevistas sobre escrever em francês ou em crioulo, costumava responder: “Eu escrevo em Maryse Condé” [J’écris en Maryse Condé]. Nossa proposta aqui é ler em Maryse Condé: ler sua ironia, seu posicionamento crítico firme, mas ler também certa reverberação do que virá a ser sua produção romanesca neste ensaio de 1975. Ler, sobretudo, o insistente desejo de não ser amalgamada por regras e estereótipos do que deveria ser a literatura antilhana. Essa busca por liberdade criativa, que veremos se desdobrar em *Eu, Tiuba: bruxa negra de Salém*, em *Corações migrantes*, em *Evangelho do novo mundo* e em tantos outros romances, é o ponto de inflexão de um pensamento rebelde que se propõe a ler e a escrever outras potencialidades do mundo.